

# CONTRIBUIÇÕES DA POESIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

## CONTRIBUTIONS OF POETRY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Jacilene Silva da Cruz<sup>1</sup>

*Recebido em 24/04/2023*

*Aprovado em 17/06/2023*

---

### RESUMO

A poesia é sopro de vida que encanta, humaniza e desembrutece. Pensando-a como algo inerente ao indivíduo, este artigo surge com o propósito de apresentar algumas contribuições da poesia no ensino do professor e na aprendizagem do aluno. A metodologia utilizada perpassou pelas pesquisas bibliográfica, documental e de campo, com abordagem qualitativa e o pensar fenomenológico. Os sujeitos foram professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da Escola Estadual Gonçalves Dias, em Boa Vista – RR. Através de entrevista não diretiva, pode-se perceber que, além de enriquecer o vocabulário e formar o leitor, a poesia significa o conteúdo, levando o aluno a formação mais humana, objetivo maior, inegociável e inegável da Educação. Por fim, ressalta-se ainda que autores como Macedo (2021), Zilberman (2009), Eliot (1991), Paz (1982), Moisés (2019), dentre outros ajudaram a compor essa escrita.

**Palavras-chave:** Poesia; Ensino Médio; Ensino e aprendizagem.

### ABSTRACT

Poetry is a breath of life that enchants, humanizes, and frees. This article aims to present some contributions of poetry in the teacher's guidance and the student's learning, considering it an inherent aspect of the individual. The methodology used involved bibliographic, documentary, and field research, with a qualitative approach and phenomenological thinking. The subjects were Portuguese language teachers in high school at Gonçalves Dias State School in Boa Vista - RR. Through non-directive interviews, it was possible to perceive that, in addition to enriching vocabulary and cultivating readers, poetry embodies content that leads students towards a more humane formation, which is the ultimate and undeniable objective of Education. Finally, it is worth noting that authors such as Macedo (2021), Zilberman (2009), Eliot (1991), Paz (1982), Moisés (2019), among others, contributed to this writing.

**Keywords:** Poetry; High School; Teaching and learning.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Roraima, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pelo IBPEX, Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e Professora Efetiva da SEED/RR. E-mail: jaciscapin@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo deriva da dissertação, *Entre o ensino e a aprendizagem, a poesia pede passagem*<sup>2</sup>, defendida por mim no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Roraima em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – PPGE – UERR/IFRR.

Abrir uma janela e salvar um afogado. Necessárias em momentos de urgência salva por dizer o que já foi dito. Acordar e adormecer. Nesses três períodos iniciais, parafraseio, respectivamente, Quintana, Os Titãs e Drummond na intenção de mostrar o quão importante é se apropriar do que as palavras têm a oferecer: vida. Porém, essa vida tão pulsante da juventude que está na escola nas séries finais da Educação Básica parece se perder.

Se perde por várias razões e uma delas é porque a literatura de maneira geral e a poesia mais especificamente não são trabalhadas na sua plenitude. Sendo assim, o objetivo desse artigo é apresentar algumas contribuições da poesia no ensino do professor e na aprendizagem do aluno.

Dividido em duas partes, onde a primeira consiste em aporte teórico que traz a poesia na escola, e a relação entre a arte poética e o ensino e a aprendizagem. A segunda parte traz a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre as contribuições desse gênero literário tanto para o ensinar quanto o aprender.

A metodologia utilizada perpassa pelas pesquisas bibliográfica e documental, embasadas em Severino (2016), com abordagem qualitativa amparada em Chizzotti (2017), e, considerando a atitude do pensar fenomenológico sustentada por Husserl (2020) e Sokolowski (2014). Esses dois últimos foram essenciais principalmente na interpretação das significações dadas pelos sujeitos, professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias em Boa Vista - RR, através da pesquisa de campo. Destaco ainda que as entrevistadas assinaram o Termo de Anuência e esta pesquisa foi aprovada sob o parecer 5.004.719.

## NOS VEIOS DAS TEORIAS

O primeiro tópico deste artigo se propõe a trazer à luz, baseado em pesquisa bibliográfica, um levantamento que permite trafegar na relação entre poesia e escola e também na função da poesia e o ensino e a aprendizagem.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.uerr.edu.br/ppge/wp-content/uploads/2022/08/DISSERTACAO-Jacilene-ENTRE-O-ENSINO-E-A-APRENDIZAGEM-A-POESIA-PEDE-PASSAGEM.pdf>

## Sobre poesia e a escola

A poesia chega ao indivíduo antes do seu nascimento, a sinfonia uterina é composta de canções de ninar que ajudam, principalmente, no domínio de certos ritmos essenciais ao ato de respirar, tornando-se uma ponte entre a criança e o mundo (AVERBUCK, 1993).

A escola dá sequência ao processo de domínio dos ritmos essenciais quando as crianças, ainda na primeira infância, ingressam nas instituições. Assim, a poesia passa a fazer parte do universo que amplia o conhecimento de mundo da criança para além de sua família. (AVERBUCK, 1993).

O Ensino Fundamental, dividido em duas fases, trabalha a poesia de maneira distinta. Do primeiro ao quinto ano, ela se volta para as datas comemorativas (Dia das Mães, dos Pais, da Bandeira, Sete de Setembro, entre outras). É explorada a leitura dramatizada em forma de jogral ou individual (GEBARA, 1997). Na maioria das vezes, é excluído o trabalho com a descoberta de significados e sentimentos que possam ser despertados com o texto poético. Esse participa apenas como uma maneira de se referir a determinada comemoração, iniciando o distanciamento entre o indivíduo e a poesia. Averbuck (1993, p. 65) corrobora essa afirmação: “A sala de aula, antes de ser o território da inventividade, é, na maioria das vezes, o lugar onde se anulam as possibilidades de criação e invenção.

Macedo (2021) também reflete sobre a mesma questão:

Porém, dadas as condições de trabalho, as peculiaridades da cultura escolar e a formação do professor, **percebemos que a escola, a cada dia, se torna um espaço que afugenta o livro literário de suas práticas pela forma como o currículo está estabelecido sem priorizar o texto literário**, seja pela inexistência de um projeto de leitura ligado às bibliotecas ou salas de leitura na escola. (Macedo, 2021, p. 55, grifo meu)

Saliento que, nos dois períodos do Ensino Fundamental, os textos literários, conseqüentemente poéticos, aparecem na disciplina de Língua Portuguesa, não havendo a separação entre Língua e Literatura. Ainda nesse período, mas voltando o olhar para o sexto até o nono ano, a poesia surge nos livros didáticos e na sala de aula como meio de se chegar à gramática. A leitura do texto, quando feita, volta-se para abordagens que não visam a sua expressividade.

Busca-se encontrar elementos que justifiquem as regras de acentuação, morfologia e sintaxe ou questões referentes a tipos de versos, estrofes e rimas, não sendo estabelecida uma ligação entre esses aspectos

formais e o conteúdo do texto. Poesia é meio, não uma finalidade em si, trabalha-se a memorização, a ordem e o reconhecimento (GEBARA, 1997), mas a afetividade e a aproximação do aluno com o que o texto remete são abandonadas. A poesia permanece distante e inalcançável, como Luzia<sup>3</sup> na janela do sobrado.

No Ensino Médio, acontece a emancipação da Literatura. Os livros didáticos, em sua maioria, apresentam a periodização literária separada do ensino da Língua e da Produção Textual. Poderia acreditar que, nessa etapa educacional, a poesia ganharia destaque enquanto fonte de conhecimento. Ledo engano. Apesar do contato constante com as obras dos mais diversos autores, tanto em prosa quanto em verso, a poesia entra como exemplificação das escolas literárias vistas. Osakabe (1997) afirma que a Literatura no Ensino Médio equivale ao estudo da história literária, ou seja, lê-se o que já está consagrado como válido para justificar o período estudado.

A poesia vista é a que se encaixa dentro das características elencadas para aquele momento da história literária, não pode fugir disso. Tem-se a automação na leitura, sem a permissão para a fruição e sem abertura para aplicar ao poético a significação que o aproxima do aluno. O que vem determinado nos livros didáticos é o que é trabalhado pelo professor.

Zilberman (1993, p. 21) chama-nos à atenção: “O livro didático exclui a interpretação e, com isto, exila o leitor [...] a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, [...] sendo o resultado destas, a anulação da experiência pessoal e igualitária com o texto”.

O mundo poético, carregado de imagens, sons e cores, é a primeira visão do indivíduo, mas a escola incube-se em afastá-lo dessa visão, fazendo um trabalho inverso ao que se propõe, através da valorização de conteúdos vazios. Comprometida com o ensino utilitarista, valoriza textos “úteis” e abandona o texto literário e o conhecimento que só a poesia, enquanto arte, é capaz de propiciar.

Essa escolha acaba não formando nem o trabalhador exigido pelo mercado, nem o indivíduo pleno e consciente de sua existência. Urge, assim, para uma educação mais humana, efetiva e afetiva, que o poema seja tirado da marginalidade que lhe foi imposta.

Apesar da relação inicial entre o indivíduo e a poesia ser intrínseco, com o passar dos anos escolares, eles se apartam. Entretanto, há relações

<sup>3</sup> Alusão ao poema *Órion* de Carlos Drummond de Andrade.

estreitas entre a função da poesia e o ensino e a aprendizagem que merecem ser evidenciadas. Essa é a função do subtópico que segue.

### **Caminhos cruzados: a função da poesia e o ensino e a aprendizagem**

*Venho de longe bem longe  
Pisando nessas areias  
Para ver o grande milagre  
da mãe de Deus das Candeias  
Ó mãe de Deus das Candeias,  
Vós me prometeste um ló  
Se não me dá na hora da vida  
Me dá na hora da morte  
Ó mãe de Deus das Candeias,  
Na terra escreveu Jesus  
Quem vai doente vem são  
Quem vai cego vem com a luz.<sup>4</sup>*

Falar da função da poesia me obrigou a voltar historicamente e fazer uma ponte entre a sua importância quando surgiu e o que a torna imprescindível atualmente. Primeiro, a poesia possuía uma estreita ligação com a mística e era entoada em rituais religiosos e invocações. Ainda hoje, é possível encontrar em diversas cidades, principalmente no interior, benzedeiros(as) que, através de gestos, ervas e cantos, trazem a esperança de cura não só para males físicos, mas também para doenças da alma.

Esses cantos entoados nos rituais provam que até hoje a poesia conserva sua primeira função social: “curar doenças ou obter boas graças de algum demônio” (ELIOT, 1991, p. 26). O canto de abertura desse subtópico é um exemplo da vivacidade da relação entre poesia e mística, em que o fiel cobra de Nossa Senhora das Candeias uma graça, que o vento sopra a seu favor, ao menos na hora da morte.

Também é impossível pensar a poesia socialmente sem fazer referência aos gregos, que legaram, mesmo atravessada por mitos, a sua função didática (ZILBERMAN, 2009). Os versos homéricos eram decorados e repassados, sendo assim, a educação baseava-se principalmente na audição e reprodução desses versos que, inevitavelmente, sofreram alterações, ocasionando muitas versões da mesma história. Ainda segundo Zilberman (2009) foi dos gregos que o ocidente herdou a ideia de literatura como padrão linguístico.

<sup>4</sup> SANTOS, Amarildo dos. **Xique-Xique**: um pouco da nossa história antiga. 14. edição. Andaraí: BND/DEPAD, 2009. Canto entoado no ritual do *Terno das Almas*, na cidade de Andaraí e no distrito de Igatu, na Chapada Diamantina, interior do Estado da Bahia.

Além dessas funções primeiras, a poesia possui outras. Segundo Eliot (1991, p. 27-28) existem funções poéticas que são óbvias, como a questão do prazer, sensação que, segundo o autor, não pode ser descrita: “Se alguém perguntar qual gênero de prazer, só poderei responder: o gênero de prazer que a poesia proporciona”.

Ligada a essa questão, apareceu-me a função da comunicação, pois os versos sempre trazem algum conhecimento novo. Mesmo que seja uma perspectiva nova sobre um velho ponto de vista. Havendo sempre algo a ser dito e, de acordo com Paz (1997), experimentado. Nesse mesmo pensamento, aludi a Moisés (2019), que corrobora essa última função, dizendo que a poesia ensina a ver. Para tornar mais clara essas afirmações, recorri ao texto *El mar*:

### El Mar

Diego no conocía la mar. El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.

Viajaron al sur.

Ella, la mar, estaba más allá de los altos médanos, esperando.

Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena,

después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos. Y fue tanta la inmensidad de la mar,

y tanto su fulgor, que el niño quedó mudo de hermosura.

Y cuando por fin consiguió hablar, temblando, tartamudeando, pidió a su padre:

—¡Ayúdame a mirar!

(GALEANO, 2021, s/p).

Através de riquíssima prosa poética, ao final do texto, Galeano presenteia, doa encantadamente, a perfeita descrição do que é o ensinar a ver que a poesia proporciona. Através de associações que não se encerram em si, pondero que o pai, Santiago, representa a figura do poeta; Diego somos nós, leitores, indivíduos comuns; e o mar seria a vida interna e externa, o mundo e tudo que o rodeia, inclusive, as pessoas e os seres.

Não é possível enxergar as várias nuances das coisas em que cada ser em particular está envolvido. Fazem-se necessários, definitivamente, o olhar e as palavras pulsantes que só os poetas conseguem dizer. Só é permitido enxergar a imensidão da vida *maremoteada* através deles, pois dão conta de fazer perceber o que já tinha sido visto/dito.

A sociedade atual vive numa busca desenfreada por sobreviver em uma estrutura imposta, em que só as necessidades essenciais são satisfeitas. É um contexto de negações, no qual o cidadão é alienado do que

produz e moldado a desejar sempre o mínimo. Não há lugar, na sociedade, para a poesia, já que a sua existência é uma ameaça à sociedade perfeita, em que o ideal de liberdade é suprimido pelo da necessidade.

Nesse caso, como salienta Moisés (2019) a poesia possui uma função subversiva. A insubmissão lhe é inerente e, assim como as demais manifestações artísticas, é excomungada, relegada ao desnecessário. Mais que as outras artes, a poesia induz ao pensar, como disse anteriormente, a ver de outra maneira o já visto. Assim como Prometeu devolveu a luz, o calor do fogo aos homens, a arte poética clareia, ilumina e aquece o pensar, induzindo ao agir, ao questionar, ao desejar além do que é ofertado. Os poetas mexem com as estruturas sociais e, em razão disso, não são quistos pelos governos, que tentam exilá-los dentro do próprio país. Moisés (2019) questiona e alerta:

Quererá isso dizer que, quanto mais civilizados, os limites estreitos do que nos habituamos a chamar de civilização, mais empenhados estamos no retorno à barbárie? O fato é que, para verdadeiramente aprender a avançar (mais um paradoxo não custará grande transtorno), é necessário, antes, desaprender o anteriormente aprendido, por valioso e seguro que pareça. A poesia ensina, subliminarmente, a estratégia da insubmissão. Por isso, os guardiões do edifício do saber, ou de qualquer edifício minimamente ambicioso, não sabem lidar com ela, embora não hesitem em aparentar sabê-lo [...] (MOISÉS, 2019, p. 28-29).

275

A vida em pequenos grupos foi abandonada. Cidades de concreto foram erigidas. Enfim, sou ser civilizado e, ao invés de estar cada vez mais distante da barbárie, retorno a ela? A arte é o que livra dessa barbárie. A poesia, como poderosa arma contra o desenvolvimento do ser (des)humano, potencializa a compreensão do mundo, pois, ao mesmo tempo que sacia e acalma as inquietudes, desperta o sentimento de pertencimento ao mundo.

Em *O arco e a Lira*, Paz (1982) revela que a poesia é a forma natural de falar dos homens e que não há povo sem poesia. A partir dessa abertura que é dada pelo autor mexicano, cabe voltar a Eliot (1991) para abordar a principal função social desse majestoso gênero literário: manter a língua viva. Para convencer disso, ele afirma que, por mais que se aprenda e fale outra língua, por mais que se comunique fluentemente nela, só se sente no próprio idioma materno.

Os sentimentos são intraduzíveis e, em decorrência disso, a poesia tem um valor diferenciado para o povo pertencente ao idioma em que foi

escrita. Mantive-me no pensamento de Eliot (1991) e percebi que o compromisso do poeta é muito maior com a sua língua do que com o seu povo, pois esse compromisso se abre em uma bifurcação que se direciona entre o preservar e o modificar: “ele está modificando seu sentimento ao torná-lo consciente [...] torna as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem” (ELIOT, 1991, p. 31). Em um mundo em constante transformação, os sentimentos, as sensações e as impressões também variam. Cabe à poesia ser o elo, mantendo a conexão entre o que fui, sou e serei.

O autor ainda mostra que é tarefa da poesia estabelecer um vínculo entre passado e presente, a fim de não tornar a língua estranha ao próprio falante. Uma vez desterrado, não se reconhecendo nas palavras próprias de sua língua, em que se transformará o indivíduo? Segundo Eliot (1991) essa é a razão óbvia pela qual não se pode dar ao luxo de banir os poetas, de excluir a poesia das vidas. Em suas palavras:

Mas a maioria das pessoas não percebe que isso não é o bastante; que a menos que se continue a produzir grandes autores, e particularmente grandes poetas, sua língua apodrecerá, sua cultura se deteriorará, e talvez venha a ser absorvida por outra mais poderosa. (ELIOT, 1991, p. 32).

Conhecer e entender as funções sociais da poesia é primordial nesta pesquisa que se propõe a mostrar algumas contribuições desta no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno. Com o intuito de ampliar o entendimento e o conhecimento sobre a questão, a segunda parte desse artigo traz a contribuição dos professores, sujeitos dessa pesquisa.

276

## **SOBRE POESIA, ENSINO E APRENDIZAGEM: A VOZ DOS SUJEITOS**

Fazendo um paralelo com o ditado popular, em sala de aula, o professor tem de “ficar com um olho no peixe e o outro no gato”. Ou seja, ao mesmo tempo que se preocupa com o que deve levar ao conhecimento do aluno, com o que vai alimentá-lo, também se preocupa como é a recepção disso, como o aluno aprende, em sincronia ainda com o dito, se o gato está digerindo bem aquela comida.

Os sujeitos dessa pesquisa foram as professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias, em Boa Vista - RR. A instituição contava, na época da pesquisa, com 7 professoras, mas apenas cinco aceitaram participar.

## A poesia e o ensino: o peixe

O ensino de Literatura, especialmente no Ensino Médio, donde falo com propriedade, é seccionado. Embora reunidas em única disciplina, Língua e Literatura ainda figuram como disciplinas separadas. A poesia tem algum espaço nos planejamentos e no desenrolar das aulas, mas, mantendo-me na metáfora desse tópico, como é que esse peixe está sendo dado ao aluno são *outros quinhentos*.

No quadro 1, estão dispostas as significações dadas pelos sujeitos dessa pesquisa sobre a poesia no processo de ensino.

**Quadro 1 – As contribuições da poesia no processo de ensino escolar**

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia no processo de ensino escolar.	RE1, RE2, RE5	Incentiva o aluno a ler, refletir, criar e conhecer outras realidades.
	RE3	Dá significado à aula.
	RE3	Explora questões linguísticas.
	RE4	Suaviza o contexto de ensino.
	RE5	Equilibra conhecimento literário e científico.

**Fonte:** entrevista não diretiva. **Autora:** Jacilene Silva da Cruz.

277

Entendo que ensinar é ter espasmos, não aqueles que invalidam o músculo, mas os que trazem a rápida, ou não tão rápida, percepção de que ainda *estou viva*. Assim como viver, ensino por compreender que ele é vivo, pois, quando o penso através da poesia, deixo de vê-lo estático e acredito ser o ensino de Língua/Literatura o “vivenciamento da obra literária enquanto experiência transformadora e não simplesmente como assimilação de mecanismos codificados de escuta e apreciação” (OSAKABE, 1997, p. 28).

Dito isso, inicio a interpretação das significações dadas sobre as contribuições da poesia no processo de ensino escolar, trazendo a convergência entre as respondentes 1, 2 e 5, quando dizem que a poesia incentiva o aluno a *ler, refletir, criar e conhecer outras realidades*. É interessante a gradação com que as professoras colocaram os verbos: *leio, reflito, crio* e, por fim, *conheço*. Leitura e reflexão são dois pontos que se cruzam, duas ações correlatas. Desse modo, a leitura leva à reflexão, que lhe é companheira fiel.

Eu poderia aqui, em clássico axioma cartesiano, dizer *leio, logo reflito*, acreditando que o contrário também é válido. O importante é

reconhecer os dois atos como complementares, permitir a leitura e a fluidez desta, induzindo o pensamento sobre si e sobre o outro. Na sequência, as professoras trazem à gradação, o verbo criar, postulando assim que esta ação é fruto do refletir, que também significa, “reproduzir a imagem, espelhar” (FERREIRA, 2018, s/p). A criação é consequência da reflexão, do se projetar, do se colocar diante do que por ora está posto.

O aluno conhece outras realidades ao mesmo tempo que conhece a sua. Desse modo, o *ver-a-si* é diretamente proporcional ao *ver-o-outro*. Criar a partir do outro é também criar a partir de si. Passa-se a um círculo de ações em que não há um sem o outro. Ler, refletir, criar e conhecer configuram estágios e estados de percepções internas e externas.

RE3 aponta que o texto poético dá significação à aula. É nesse contexto que a poesia é bem-vinda, por falar do eu, dos incontáveis *eus* que vão diariamente às escolas. Nessa perspectiva, Leal (2015) aponta que o poema exige um olhar mais atento, aguça o intelecto, entrelaça emoções, questiona e transforma a realidade. Ainda sobre as significações de RE3, esta postula a exploração de questões linguísticas como uma das contribuições da poesia. Usar o texto poético como pretexto para outros conteúdos é uma possibilidade, mas não pode reduzir apenas nisso, é sempre necessário ir além, mais além.

Na sequência das significações, RE4 apresenta a suavização do contexto de ensino como uma das contribuições da poesia para o ensino escolar da Língua Portuguesa. Isso me levou a questionar: como é o contexto de ensino? Por que ele precisa ser suavizado? Para chegar a respostas, caminhei desde a estrutura física escolar até as questões de ordem pessoal que envolvem os alunos.

Borges (2004) ao se reportar à constituição espacial das escolas, indica que elas se configuram em ambiente parecido com uma prisão, são longos corredores onde ficam, de um lado, as salas de aula, às vezes frente a frente, outras, ao sair delas, os alunos se deparam com cobogós; em ambos os casos, os alunos, geralmente, de suas salas, veem paredes que se mostram em pintura, quando pintadas, que representam a cor de quem governa, de quem manda. Nesse sentido, de maneira bastante plástica, apresento a primeira razão para que o ambiente escolar seja suavizado.

A escola se organiza tanto na questão espacial quanto na interação interpessoal, verticalmente. Ao entrar na maioria dos estabelecimentos de ensino, pode-se perceber que a primeira e melhor sala é aquela onde se encontram a direção e os *sus*-diretores. Daí seguem outros membros do

corpo escolar até chegar aos alunos, de igual modo se dispõem as relações sociais intraescolares: por ordem de importância.

A poesia, com o poder e o conhecimento que lhe é inerente enquanto arte, chega para suavizar esses dois pontos aqui apresentados. Nas salas lotadas de diferenças, aparece como alívio, momento de entrega, de olhar para si, relaxar, do ser livre. “A poesia permite ao aluno novas interpretações, coloca suavidade no contexto e facilita a participação daqueles que buscam expor suas percepções, desenvolve a criação” (RE4, 2021, s/p).

A entrevistada RE5 declara que “[...] a poesia pode prevalecer em nosso cotidiano como uma importante ferramenta de ensino, proporcionando-nos um equilíbrio em uma sociedade que se apoia em conhecimentos científicos” (RE5, 2021, s/p). O equilíbrio proposto pela entrevistada entre ciência e poesia fez com que eu conseguisse aproximar a banda Titãs do pensamento freiriano, quando eles cantam:

Bebida é água.  
Comida é pasto.  
Você tem sede de quê?  
Você tem fome de quê?  
A gente não quer só comida,  
A gente quer comida, diversão e arte.  
A gente não quer só comida,  
A gente quer saída para qualquer parte.  
A gente não quer só comida,  
A gente quer bebida, diversão, balé.  
[...]  
A gente não quer só comer,  
A gente quer comer e quer fazer amor.  
A gente não quer só comer,  
A gente quer prazer pra aliviar a dor.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer dinheiro e felicidade.  
A gente não quer só dinheiro,  
A gente quer inteiro e não pela metade.  
(FROMER, ANTUNES e BRITO, 1997, s/p).

279

Também merece esse cafuné feito por Freire em Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, os irmãos compositores Marcos e Paulo Sérgio Valle (1996) por terem percebido que a humanidade acorda pra trabalhar, dorme pra trabalhar, corre pra trabalhar e que ela merece ver, além da fumaça, o amor e as coisas livres, coloridas.

## A poesia e a aprendizagem: o gato

Olhando agora para o gato que tem um peixe em suas mãos, trago nesse subtópico a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre a contribuição da poesia na aprendizagem. Seguindo a metáfora inicial, como o gato é alimentado pelo peixe.

**Quadro 2 – As contribuições da poesia na aprendizagem escolar**

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia na aprendizagem escolar.	RE1, RE2	Incentiva o aluno a ler, refletir, criar e conhecer outras realidades.
	RE3	Desenvolve o gosto pela leitura.
	RE3	Desperta a sensibilidade como ser humano.
	RE4	Auxilia os alunos mais retraídos.
	RE5	Interessa-se mais pelo conteúdo.

**Fonte:** entrevista não diretiva. **Autora:** Jacilene Silva da Cruz.

Ao observar as respostas de RE1 e RE2 sobre a relação da poesia com a aprendizagem, verifiquei que estas atribuíram ao texto poético o poder de levar o aluno à reflexão, à criação e ao conhecimento de outras realidades. O que a entrevistada já havia descrito como forma de contribuição para o processo de ensino. Ao aproximar esses dois sistemas fica evidente que, para RE1, ensinar e aprender são simultâneos, contíguos. Trocam-se e tocam-se continuamente. A esse respeito, RE2 (2021, s/p) aponta: “Os textos poéticos [...] fazem com que os alunos exercitem mais a sua mente [...]”, esse exercício é, entre outros aspectos, o que RE1 pautou como refletir, criar e conhecer outras realidades.

Seguindo as descrições, RE3 traz o desenvolvimento do gosto pela leitura. Para falar com mais precisão sobre essa significação, numa pegada freiriana, abordo duas leituras que podem *cair no gosto* do aluno quando a poesia entra como instrumento para a aprendizagem. Primeiro, a leitura de mundo quando, ao se ver frente a frente com outras realidades, outros mundos, o indivíduo passa a compreender melhor o seu, o que pode levar a um delicioso círculo vicioso: quanto mais realidades novas conheço, mais reconheço a minha, ao me reconhecer, insisto em conhecer outras e, conseqüentemente, mais consciente de mim e do outro me torno. Não esquecendo de sempre ter em mente que a conscientização leva à emancipação.

A segunda leitura é a da palavra, o decodificar o texto escrito, suas entranhas rítmicas, sua sintaxe, semântica, enfim todos os nós que constroem o texto poético. Esse *desatanós* é o passaporte para a consolidação do conhecimento sistemático que é dever da escola propiciar na disciplina de Língua Portuguesa

Ainda nesse aspecto, RE3 revela que o bom leitor equivale ao bom escritor, entendi isso como uma mimese invertida: a língua escrita é a reprodução da falada, em que primeiro foi desenvolvida a fala, a escrita veio depois, bem depois. Assim, pude abordar que a escrita é a imitação da fala, primeira mimese. Uma vez estabelecida, a escrita passa a ser padrão a ser imitado, é a língua contida nela que configura o modelo a ser reproduzido. A fala natural é imitada pela escrita, que passa a ser imitada pelo aluno para que se constitua sua fala e escrita correta.

Quando RE3 diz que a poesia contribui para a aprendizagem por despertar a sensibilidade como ser humano, meu pensamento remonta ao toque de barbarização que a educação carrega ao adotar para si modelos tecnocráticos que excluem a aprendizagem do sensível. O sujeito da pesquisa, ao trazer essa visão, abre espaço para que eu diga o quanto urge uma preparação mais humanizadora do aluno, que não se aprende a viver no mundo objetivo sem que também seja aprendido a viver no subjetivo.

Na continuação da compreensão das significações, cheguei ao que RE4 postula como sendo a contribuição da poesia no processo de aprendizagem: o auxílio aos alunos mais retraídos a se colocarem, sentirem-se capazes de se colocar para si e perante os outros. De se sentir seguro através da sensibilidade.

Essa ajuda aos mais retraídos, conforme declarou a entrevistada, vem carregado da afirmação da identidade sob a tutela da arte. E, tutelada por ela, não há medo de expor anseios, o aluno é consciente de si, pois, uma vez insubmissa, a poesia faz pensar, vê-se de outra maneira.

O adolescente de Ensino Médio, já em consolidação da formação de si, ao ter a arte poética como base, não relutará em se socializar e em partilhar. Conforme RE4, os alunos mais introspectivos podem apresentar, através da poesia, um posicionamento surpreendente e inovador. Interessante essa perspectiva, uma vez que esses alunos são sempre vítimas de apelidos depreciativos ou de isolamento dentro da sala de aula. Ao reiterar que estes podem surpreender e inovar, serem vistos e admirados pelos outros, a entrevistada acrescenta como função poética *de existir*, o poder de evitar que adolescentes sejam vitimados e esquecidos nos cantos das salas de aula, fato muito comum.

Encerrando a interpretação das significações dessa pesquisa, trago o que postula RE5 quando afirma que, para a aprendizagem, a poesia pode levar o aluno a se interessar mais pelo conteúdo. Pontuo, nesse ínterim, que a leveza desse gênero literário, o jogo de sentidos, as imagens, os sons e os ritmos são ingredientes que, após a familiarização do jovem com o gênero, levam a aprendizagem a acontecer naturalmente.

Essa significação desemboca no que Silva (2011) denomina de aprendizagem concreta, na qual o aluno aprende e apreende através do contato direto com o texto, das descobertas que este pode proporcionar.

Conteúdos desconexos se perdem dentro da enorme quantidade de informações a que todos estão sujeitos na atualidade. A concretude da aprendizagem se dá quando há um alinhamento entre esta e a vivência do aprendiz. Não há espaço para a aprendizagem sem significação; em concordância com RE5, a poesia ajuda porque é um meio de significar o que foi abordado, afinal já foi o tempo em que frases soltas eram suficientes, aliás, nunca foram.

A maldição do poema, que deixa escorrer pelas mãos o sentimento do mundo, permite que o jovem preencha as linhas do caderno e as do começo da juventude de ímpeto e força para a caminhada posterior. Isso foi mostrado nas significações dadas pelos sujeitos desta pesquisa, as professoras de Língua Portuguesa/Literatura da Escola Estadual Gonçalves Dias, na intenção de conhecer as principais contribuições da poesia no processo de ensino e aprendizagem.

282

## PERCEPÇÕES FINAIS

Ao final desse trajeto de pesquisa, constatei que a arte poética provoca, favorece e abre possibilidades para que o ensino e a aprendizagem sejam libertadores, na proposta freiriana mesmo, de libertar e humanizar.

Essa humanização urge ser integralizada ao fazer pedagógico, uma vez que a animosidade ronda diuturnamente a escola, a casa, a igreja e outros ambientes onde alunos e professores frequentam.

Propor a poesia como meio para o processo de ensino e aprendizagem é, como pontuaram algumas entrevistadas, oportunidade de reflexão, talvez única em uma vida tão veloz e feroz; de transformação, quando o desejo é que o aluno seja apenas um reproduzidor; de se mostrar em um mundo que quer cada vez mais que ele seja invisível.

Além dos pontuados, didaticamente, a poesia enriquece o vocabulário, define o leitor, forma o escritor, significa o conteúdo. Como síntese, contribui tanto para o conteúdo específico da Língua Portuguesa quanto para a formação humana, objetivo maior, inegociável e inegável da educação.

A via do professor que decide percorrer, carregando sobre os ombros a poesia, é *anticrucis*. Ter como metodologia de ensino e, conseqüentemente, permitir que o aluno chegue à aprendizagem, através de si, de seus sentimentos, sensações, pesares, alegria, vida e, deixar que a caneta escreva no papel os sentimentos do mundo, não é dolorosa. Outorgar à juventude a maldição do poema é carimbar o passaporte para a educação libertadora.

## REFERÊNCIAS

AVERBUCK, Ligia Morrone. **A poesia e a escola**. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORGES, Juliano Luís. **Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana**. Revista Urutagua, n. 05, 2004. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br/005/05edu\\_borges.htm](http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm). Acesso em: 31 dez. 2022.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

ELIOT, T. S. **De poesia e poetas**. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2018.

FROMER, Marcelo; ANTUNES, Arnaldo; BRITTO, Sergio. **Comida**. In: Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas. Intérprete: Titãs. Rio de Janeiro: WEA, 1987.

GALEANO, Eduardo. **El mar.** Disponível em: <https://www.poeticous.com/eduardo-galeano/el-mar-8?locale=es>. Acesso em: 24 fev. 2021.

GEBARA, Ana Elvira. **O poema, um texto marginalizado.** In: CHIAPPINI, Lúgia (org.). Aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 1997.

HUSSERL, Edmund. **A ideia de fenomenologia:** cinco lições. Tradução de Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.

LEAL, Lidiane Cristina Galdino. **A importância da poesia na formação de leitores.** In: ENID – Encontro de iniciação à docência da UEPB, 5. Anais... 2015.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para que?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

OSAKABE, Haqira. **Ensino de gramática e ensino de literatura.** In: GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

PAZ, Octavio. **A dupla chama do amor e do erotismo.** Tradução de Waldir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1997.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira.** Tradução de Olga Sawary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Eliseu Ferreira. **Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula.** Revista Graduando – UEFS, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/index.htm> Acesso em: 21 jan. 2021.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

VALLE, Paulo Sérgio Kostenbader; VALLE, Marcos Kostenbader. **Capitão de Indústria**. In: 9 luas. Intérprete: Paralamas do Sucesso. EMI. Rio de Janeiro, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura na escola**. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, Rio Grande do Sul, n. 14, 2009.

